

**Projeto de Restauração da**  
**IGREJA SANTO ANTÔNIO**

**CONSELHEIRO LAFAIETE / MG**

**Caderno 1**

Inserção do Imóvel  
Histórico da cidade  
Análise Histórica e Arquitetônica do bem  
Diagnóstico do estado de conservação  
Levantamento fotográfico

**ARQ LIFE - ARQUITETURA E CONSULTORIA - ME**

Conselheiro Lafaiete/MG  
Outubro de 2025

## Apresentação

A presente documentação foi elaborada pela empresa Arq Life – Arquitetura e, contratada pela Irmandade de Santo Antônio de Queluz, com o objetivo de atualizar o Projeto de Restauro da Igreja de Santo Antônio de Queluz, localizada na cidade de Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais.

A iniciativa parte da própria Irmandade, considerando o estado de deterioração do bem, que demanda intervenções imediatas para assegurar sua preservação e continuidade de suas funções religiosas, culturais e históricas.

O conjunto de trabalhos apresentados contempla todos os projetos de restauro arquitetônico e complementares, bem como o restauro de bens móveis integrados (que serão entregues separadamente), visando à recuperação plena do patrimônio, à valorização de seus elementos artísticos e à adequada inserção do edifício em seu contexto urbano.

A metodologia adotada fundamentou-se em pesquisas documentais e de campo, levantamentos arquitetônicos, fotográficos, cartográficos e estudos do entorno próximo. A partir desses levantamentos, descritos ao longo deste caderno e acompanhados dos projetos anexos, foram estabelecidas as diretrizes e soluções de intervenção que orientarão o processo de restauro.

Dessa forma, este Caderno Técnico/Dossiê constitui parte integrante do conjunto de documentos necessários ao restauro da Igreja de Santo Antônio de Queluz e de seus bens móveis, reafirmando o compromisso da Irmandade com a preservação do patrimônio histórico e com a transmissão desse legado às futuras gerações.

## Ficha Técnica

### ELABORAÇÃO

#### ARQ LIFE - ARQUITETURA E CONSULTORIA – ME

**Amanda Guimarães Alvarenga**

Arquiteta e Urbanista

CAU A117384-7

**Ana Paula Arruda Fonseca**

Arquiteta e Urbanista

CAU A182255-1

### CONTRATANTE

**Irmandade de Santo Antônio de Queluz**

Pessoa Jurídica de Direito Privado

CNPJ: 11.738.336/0001-72

## Descrição

Projeto: Projeto de Restauração da Igreja de Santo Antônio de Queluz  
Imóvel: Igreja de Santo Antônio de Queluz  
Endereço: Largo de Santo Antônio – 51- Centro – Conselheiro Lafaiete/MG  
Propriedade: Irmandade de Santo Antônio de Queluz  
Uso Atual: Religioso e Cultural  
Finalidade: Restauração para recuperação do imóvel  
Área total do terreno: 2124,47 m<sup>2</sup>  
Área de Projeção: 217,12 m<sup>2</sup>  
Área Total construída: 290,11 m<sup>2</sup>  
Data de construção: Aproximadamente 1758.  
Proteção Legal: Decreto Municipal de Tombamento – 25/2002 (23 de abril de 2002).

## Localização

### Localização do Município de Conselheiro Lafaiete



**Figuras 1 e 2:** Contextualização do Município de Conselheiro Lafaiete. FONTE: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carana%C3%ADba>. Acesso em 03/09/2025.



**Figura 3:** Situação da Igreja Santo Antônio de Queluz- Conselheiro Lafaiete /MG. Demarcação do local no mapa. Fonte: Google Earth, 2025.

A Igreja de Santo Antônio de Queluz tombado pelo município de Conselheiro Lafaiete pelo decreto 025/2002 está localizado na região central do município de Conselheiro Lafaiete-MG.

O município localiza-se na região central do estado e ocupa uma área de cerca de 370 km<sup>2</sup>. Sua população foi estimada em 137.980 habitantes em 2024.

Esta pesquisa se baseia nas fontes descritas nas referências, dados do IBGE e fontes históricas e fotográficas diversas encontradas acerca do município e do bem, que auxiliaram nas diretrizes elaboradas para este projeto arquitetônico.

Coordenadas Geográficas: 20° 39' 36" S, 43° 47' 09" O

## Histórico da cidade de Conselheiro Lafaiete

A cidade de Conselheiro Lafaiete, situada na região do Campo das Vertentes, em Minas Gerais, apresenta um percurso histórico e socioeconômico marcado pela mineração, pelas rotas de circulação colonial e pelos processos de modernização ocorridos ao longo dos séculos. Com área de 370,246 km<sup>2</sup>, dos quais 28,69 km<sup>2</sup> correspondem à área urbanizada, o município possui população estimada em 137.980 habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2022 (IBGE), e densidade demográfica de 355,5 hab/km<sup>2</sup>, ocupando a 20ª posição entre os municípios mais populosos do estado.

O relevo local é majoritariamente montanhoso (70%), o clima é Tropical de Altitude, com temperatura média de 20 °C e pluviosidade anual de 967 mm. O município está situado entre as bacias dos rios Doce e São Francisco, destacando-se os rios Paraopeba (Bananeiras), Pequeri e Ventura Luiz. O acesso viário se dá pelas rodovias BR-040, BR-482, MG-129, MG-119 e MG-059, além de ramal ferroviário operado pela MRS (sem transporte de passageiros). Conta ainda com aeroporto municipal, atualmente fechado desde 2021. A localização é estratégica: a 96 km de Belo Horizonte, 339 km do Rio de Janeiro e 596 km de São Paulo.

Historicamente, a origem do município remonta ao final do século XVII, quando expedições paulistas chegaram à região em busca de ouro, formando o núcleo inicial denominado Arraial dos Carijós ou Campo Alegre dos Carijós, estruturado em torno de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Conforme observa Godoy (1995, p. 47), “as rotas abertas pelos bandeirantes e sertanistas em busca de riquezas minerais foram responsáveis pela constituição de arraiais e freguesias que mais tarde se transformariam em importantes centros urbanos”. O local tornou-se ponto de passagem de tropeiros e viajantes entre as minas de Vila Rica (atual Ouro Preto) e o Rio de Janeiro.

O núcleo urbano consolidou-se em 1790, com a criação da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Queluz, vinculada à Diocese de Mariana. A presença religiosa desempenhou papel central na organização comunitária e espacial da localidade. Segundo Costa (2004), a religiosidade e o comércio regional atuaram como vetores fundamentais para a manutenção e expansão da freguesia, que ao longo do século XIX se transformou em um centro de apoio econômico e cultural. Em 1866, a freguesia foi elevada à categoria de cidade, passando a chamar-se Queluz de Minas (PINTO, 1984).

Durante o século XIX, ainda que a decadência da mineração tenha impactado a economia, Queluz manteve relevância por sua posição estratégica na Estrada Real, favorecendo a circulação de pessoas e mercadorias (MAIA, 2021). O desenvolvimento intensificou-se com a chegada da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1883/1884, que integrou o município às dinâmicas nacionais de circulação. Segundo Costa (2004, p. 132), “a ferrovia representou não apenas um meio de integração territorial, mas também um catalisador de transformações urbanas, intensificando o crescimento de cidades do interior mineiro ligadas ao eixo Rio de Janeiro–São Paulo–Ouro Preto”. A ferrovia favoreceu o surgimento de um novo núcleo urbano, o bairro Lafaiete, próximo à estação ferroviária, que passou a concentrar comércio e serviços, gerando tensões com o núcleo tradicional (Queluz)

— fenômeno também observado em outras cidades mineiras (PEREIRA, 2019; CHAVES, 2015).

Em 1934, a cidade passou a se chamar Conselheiro Lafaiete, em homenagem a Lafayette Rodrigues Pereira (1834–1917), jurista, político e Conselheiro do Império, natural de Mariana. Como destaca Silva (2011, p. 76), “a escolha do nome reflete não apenas uma homenagem individual, mas também a tentativa de reafirmação da identidade política e cultural da região”.

No século XX, o município diversificou sua economia em função da proximidade com o Quadrilátero Ferrífero, atraindo indústrias ligadas à mineração, siderurgia e metalurgia, como CSN, Gerdau, Vale e MRS. Paralelamente, consolidou-se como centro regional de comércio e serviços, com forte atração populacional de cidades vizinhas. A pavimentação de ruas, a instalação de indústrias e a integração à malha rodoviária federal pela BR-040 consolidaram sua posição como polo regional. Contudo, esse processo de modernização resultou em perdas patrimoniais significativas, já que casarões coloniais e ecléticos foram demolidos ou descaracterizados, reflexo da ausência de políticas de preservação — uma situação comum em cidades mineiras fora do eixo tombado pelo IPHAN (CASTRIOTA, 2009). Somente a partir da década de 1990, com a criação do IEPHA/MG e da chamada “Lei Robin Hood”, o município passou a instituir instrumentos de proteção patrimonial mais consistentes (FONSECA, 2023). Em 1999 foi editado o primeiro decreto de tombamento, seguido pela criação do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural, encarregado de acompanhar e deliberar sobre políticas de proteção. Apesar desses avanços, ainda existem desafios relacionados à pressão imobiliária e à ausência de um plano integrado de gestão, que contemple o centro, o turismo cultural e a educação patrimonial (PEREIRA, 2019).

O município abriga um expressivo patrimônio histórico e cultural: o escritor Bernardo Guimarães escreveu em Lafaiete a obra *\*A Escrava Isaura\**; as tradicionais “Violas de Queluz” são patrimônio cultural imaterial; e igrejas barrocas, casarões e construções ferroviárias testemunham sua trajetória desde o século XVIII. Além disso, integra o Circuito Villas e Fazendas de Minas, com destaque para museus como o Antônio Perdigão e o Ferroviário além de eventos culturais que reforçam sua identidade regional.

No campo econômico, os serviços representam 59,8% do PIB, seguidos pela administração pública (24%) e pela indústria (15,5%). O comércio varejista e a siderurgia assumem papel de destaque. Atualmente, a cidade exerce papel estratégico na região central de Minas Gerais, funcionando como centro de comércio, serviços e logística, devido à sua posição geográfica privilegiada entre Belo Horizonte e importantes polos industriais como Congonhas e Ouro Branco.

A trajetória histórica de Conselheiro Lafaiete revela a constante tensão entre expansão econômica e preservação cultural. A ferrovia e a rodovia foram motores de crescimento, mas também fragmentaram o tecido urbano e contribuíram para a perda de parte do patrimônio arquitetônico. Ainda que políticas de proteção tenham sido instituídas a partir dos anos 1990, a cidade segue diante do desafio de conciliar modernização, valorização da memória e sustentabilidade. Como observa Castriota (2009), e enfatiza Fonseca (2023) o caso de Conselheiro Lafaiete insere-se no debate sobre preservação patrimonial em cidades médias mineiras que, mesmo sem

ostentarem o título de “cidades históricas”, possuem acervos significativos que demandam reconhecimento e salvaguarda.



**Figura 4:** Villa de Queluz - Revolução de 1842. Fonte: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/brasil-monarquico/10049-a-revolta-liberal-de-minas-gerais>.

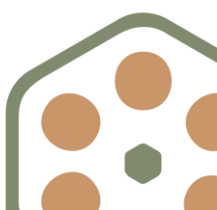


Praça Barão de Queluz e Rua Direita - com seus antigos casarões

**Foto 5:** Foto que mostra o morro que dá acesso a Capela de Santo Antônio – direita o Colégio da Congregação e a esquerda o Hospital. Fonte: Acervo Mauro Dutra de Faria

No contexto apresentado, a Igreja de Santo Antônio insere-se na paisagem da cidade de Conselheiro Lafaiete como elemento da sua paisagem histórica e cultural. A paisagem deve ser compreendida como um elemento dinâmico que ultrapassa o aspecto meramente estético, constituindo-se como expressão material e simbólica das relações entre sociedade e natureza. Conforme Jean Marc Besse, ela reflete as práticas e produções humanas ao longo do tempo, resultando de ações sociais mediadas por fatores históricos, econômicos e culturais (CIVALE, 2021). Nessa perspectiva, a paisagem se configura como um “palimpsesto territorial”, onde se sobrepõem marcas de diferentes épocas e grupos sociais.

David Lowenthal reforça essa concepção ao reconhecer a paisagem como produto das ações coletivas inseridas em determinado contexto natural, impossibilitando sua compreensão desvinculada das transformações humanas que a constituíram



(CIVALE, 2021). Assim, estudar a paisagem implica compreender a sociedade que a produziu e as marcas que nela inscreveu ao longo da história.

Sob esse prisma, a paisagem cultural assume relevância enquanto patrimônio, pois incorpora valores históricos, sociais e identitários. Ela expressa a percepção de um grupo sobre o espaço e as práticas históricas de ocupação do território, tornando-se, portanto, objeto de políticas de preservação e salvaguarda (CIVALE, 2021). O vínculo entre paisagem e patrimônio está diretamente relacionado à construção das identidades locais e à materialização da memória coletiva.

Contudo, Civale (2021) critica a forma como a patrimonialização da paisagem tem sido conduzida, especialmente no contexto urbano, ao privilegiar narrativas hegemônicas. Políticas de tombamento frequentemente selecionam monumentos e edificações que correspondem ao imaginário dominante, negligenciando outros elementos de valor histórico e simbólico. Essa seletividade produz uma paisagem urbana moldada por interesses específicos, distorcendo a memória coletiva e excluindo vozes subalternizadas.

O espaço urbano, portanto, constitui um campo de disputas simbólicas e políticas. As lutas em torno da preservação do patrimônio e da memória refletem embates sobre o que deve ser lembrado e o que pode ser esquecido. Segundo Civale (2021), tais disputas evidenciam o conflito pela legitimação da memória coletiva, representando diferentes grupos sociais e suas relações desiguais de poder. A reconstrução da paisagem é, assim, um processo conflituoso e contínuo, atravessado por interesses econômicos, políticos e culturais.

No caso de Conselheiro Lafaiete (MG), as transformações da paisagem urbana ilustram esse debate. A especulação imobiliária, intensificada nas últimas décadas do século XX, provocou a descaracterização de áreas históricas e a substituição de edificações de valor cultural por construções modernas, comprometendo a identidade e a memória local. Pesavento (2012) observa que o processo de valorização do solo urbano pode simultaneamente construir novas identidades e apagar traços significativos da história coletiva.

Estudos fotográficos realizados por Fonseca (2023) evidenciam essas mudanças na região central de Lafaiete, especialmente entre a Matriz de Nossa Senhora da Conceição e a Capela de Santo Antônio – eixo histórico da antiga Estrada Real. As imagens revelam a perda de referenciais arquitetônicos e simbólicos, reforçando a ideia de que a paisagem é produto de decisões humanas condicionadas por interesses econômicos e pela ausência de políticas públicas efetivas de preservação. A análise da paisagem lafaietense confirma, portanto, a tese de Civale (2021) de que o espaço urbano reflete disputas de poder e narrativas dominantes. Reconhecer a paisagem como patrimônio cultural implica adotar uma abordagem democrática e participativa, que contemple a pluralidade de memórias e perspectivas sociais.

Em síntese, a paisagem deve ser entendida como construção social em constante transformação, na qual se articulam memória, identidade e poder. Compreendê-la é compreender a sociedade que a produziu e continua a modificá-la, revelando as tensões e contradições inerentes ao processo de formação das cidades e de suas identidades coletivas.



Praça Barão de Queluz e Rua Direita - com seus antigos casarões



**Fotos 6 e 7:** Foto da Praça Barão de Queluz e os casarões da Rua Direita. A primeira foto (sem data) foi retirada da torre da Igreja Matriz com vista ao Antigo Solar Barão de Queluz, onde o barão residia. A segunda foto foi feita da frente da Igreja com vista a Praça Barão de Queluz, onde hoje apresenta-se o Antigo Fórum da cidade (que foi construído na década de 1950 no lugar do Solar do barão de Queluz), onde hoje funciona a Secretaria de Saúde Municipal. Percebe-se também mudanças paisagísticas na Praça assim como não se consegue ter uma visão da paisagem da Antiga Rua Direita, que não possui mais casarios como na primeira foto.



**Fotos 8 e 9 –** Vista da Antiga Rua Direita (1970) atual Comendador Baeta Neves (2021). A Rua que apresentava casario antigo, modificou-se ao longo das últimas décadas, com o crescimento urbano. Ela apresenta hoje apenas dois Solares e outras edificações pontuais que não se descaracterizaram. A paisagem, como é notório, sofreu diversas modificações devido a ampliação dos prédios, principalmente ampliação das suas altimetrias.

## Análise histórica e arquitetônica do bem

### Análise Histórica

A Igreja de Santo Antônio é a segunda edificação religiosa construída na cidade de Conselheiro Lafaiete. Suas obras tiveram início em 1752, sucedendo a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (1732) e antecedendo a Capela de Nossa Senhora do Carmo (1764), esta última já demolida.

A história da igreja remonta a 1741, quando foi doado um terreno no Morro das Cruzes à Irmandade dos Pretos de Nossa Senhora do Rosário, com o objetivo de ali se erguer uma capela sob sua responsabilidade. No entanto, após quase uma década de inatividade da Irmandade, o capitão Manoel de Sá Tinoco solicitou ao Bispo de Mariana, em 1751, autorização para construir uma Capela dedicada a Santo Antônio no mesmo local.

Diferentemente da maioria dos templos católicos do século XVIII em Minas Gerais, a Capela de Santo Antônio não foi fundada para abrigar uma irmandade religiosa. A construção foi idealizada e financiada por Manoel de Sá Tinoco, que enfrentou resistência da Irmandade do Rosário, a qual ainda se considerava legítima proprietária do terreno.



**Figura 10-** Praça Barão de Queluz e ao fundo a Igreja de Santo Antônio ainda sem a torre sineira.  
Registro fotográfico provavelmente da década de 1920.

Fonte: <https://historiaegenealogialafaiete.blogspot.com/2017/11/ruas-antigas-parte-1.html>

As obras foram concluídas em 1757 e, no ano seguinte, em 12 de novembro de 1758, finalizou-se o processo de instituição de patrimônio da capela, sendo o capitão Tinoco declarado seu protetor. Após seu falecimento, sua esposa, Úrsula das Virgens, assumiu o padroado, passando depois, em 1799, essa responsabilidade para os filhos do casal.

Erguida no alto do Morro das Cruzes — atual Alameda Oswaldo Cruz —, a Igreja de Santo Antônio se destaca na paisagem urbana pela sua simplicidade arquitetônica e riqueza histórica. Originalmente composta por nave, capela-mor, altar-mor, camarim e coro, a edificação passou por sua primeira grande reforma em 1864, quando foram acrescentadas a sacristia e uma capela lateral.

Até a década de 1930, a igreja não possuía torre. Seus sinos ficavam em um campanário de madeira, situado à esquerda da construção. A torre sineira foi erguida nessa mesma década, embora não haja registros precisos do ano exato da obra.



**Figura 11-** Hospital Santa Casa à esquerda e ao fundo a Igreja de Santo Antônio, sem data.

Fonte: [bibliotecalafaiete.blogspot.com/p/nosso-slogan-e-mascote.html](http://bibliotecalafaiete.blogspot.com/p/nosso-slogan-e-mascote.html)



**Figura 12-** À esquerda o Hospital Queluz, antiga Santa Casa de Misericórdia e ao fundo a Igreja de Santo Antônio, por volta de 1942.

Fonte: <https://bibliotecalafaiete.blogspot.com/p/nosso-slogan-e-mascote.html>

A imagem de Santo Antônio de Lisboa, datada do século XVIII e de origem portuguesa, é uma das mais belas da cidade. Segundo registros da Irmandade, a imagem retornou à igreja em 31 de maio de 1965, após passar por um processo de restauração em Belo Horizonte.

O reconhecimento do valor histórico da edificação foi oficializado em 23 de abril de 2002, quando a então Capela de Santo Antônio de Queluz foi tombada como patrimônio municipal (Decreto Municipal nº 25/2002), durante a gestão do prefeito Vicente de Faria Paiva. Posteriormente, em 22 de junho de 2021, a capela foi

oficialmente elevada à condição de Igreja de Santo Antônio, por meio do Decreto Municipal nº 122/2021.

Atualmente, a igreja encontra-se conservada, embora enfrente desafios estruturais. Ainda assim, a dedicação da Irmandade que a administra tem sido fundamental para a preservação deste importante patrimônio histórico e cultural de Conselheiro Lafaiete.



**Figura 13-** Foto panorâmica mostrando a Igreja de Santo Antônio no alto do antigo Morro das Cruzes, o Hospital Queluz e o Colégio Nazaré, sem data.  
Fonte: <https://historiaegenealogialafaiete.blogspot.com/2017/06/morro-das-cruzes-de-queluz.html>

## Irmandade de Santo Antônio

As irmandades religiosas surgiram no Brasil como importantes formas de organização social, voltadas à prática da fé, da solidariedade e do convívio comunitário. Além de seu caráter devocional, essas associações também exerciam funções sociais e administrativas, possibilitando que as igrejas se tornassem espaços legítimos de reunião e de auxílio mútuo entre os fiéis.

Nesse contexto, foi instituída em 16 de outubro de 1870 a Irmandade de Santo Antônio, sediada na Igreja de Santo Antônio, localizada na cidade de Conselheiro Lafaiete, antiga Queluz, vinculada à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Décadas mais tarde, em 29 de abril de 1922, a irmandade passou por um processo de reorganização, que definiu diretrizes e práticas mantidas até os dias de hoje. O reconhecimento formal da instituição ocorreu em 12 de abril de 1939, quando foi devidamente registrada.

A Irmandade de Santo Antônio constitui-se como uma associação religiosa e assistencial, sem fins lucrativos e de duração indeterminada, composta por fiéis católicos leigos, homens e mulheres, que buscam o fortalecimento da vida cristã por meio do serviço, da oração e da caridade. De natureza pública e de direito privado, a entidade não possui vinculação política ou partidária, sendo guiada por princípios de fé, fraternidade e devoção ao Santo Padroeiro.

Desde sua fundação, vinte e dois provedores estiveram à frente da Irmandade. O primeiro foi Joaquim Lourenço Baeta Neves Filho, conhecido como Barão de Queluz. Atualmente, o cargo é ocupado pela Sra. Helena Braga de Souza Faria, dando continuidade à tradição de dedicação e zelo iniciada no século XIX.

Entre as atribuições da Irmandade, destacam-se a manutenção do culto a Santo Antônio, o cuidado e preservação da igreja e de seu patrimônio, a organização das festividades religiosas, o apoio espiritual e material aos irmãos em situação de vulnerabilidade, e a celebração de missas mensais, realizadas na primeira terça-feira de cada mês, em intenção dos irmãos vivos e falecidos, bem como dos benfeitores da instituição.

## **Análise da tipologia Arquitetônica**

A Igreja de Santo Antônio constitui um importante exemplar da arquitetura religiosa tradicional, apresentando composição volumétrica e espacial que expressa as transformações construtivas ocorridas ao longo de mais de um século. Sua planta, de conformação longitudinal e proporções retangulares, organiza-se a partir de um eixo principal que articula nave, capela-mor, altar-mor, camarim, coro e torre sineira. Lateralmente, encontram-se dois corpos anexos, correspondentes à Sacristia, à direita, e à Capela do Santíssimo Sacramento, à esquerda. Tais volumes laterais, contudo, não pertenciam ao projeto original, tendo sido incorporados durante a primeira grande reforma do templo, realizada em 1864 — data registrada na parede externa da lateral esquerda, testemunho material dessa intervenção.

O conjunto apresenta coberturas de tipologias distintas, adaptadas à função e à hierarquia de cada volume. A nave e a capela-mor são protegidas por telhados de duas águas, enquanto os anexos laterais possuem cobertura em meia-água. A torre sineira, elemento vertical dominante da composição, foi acrescida em momento posterior, já no século XX, e diferencia-se estruturalmente por possuir cobertura em concreto armado, concluída com coroamento piramidal de quatro águas e cruz latina no topo. Construída na década de 1930, substituiu o antigo campanário lateral e representa a principal modificação formal do frontispício do templo.

A fachada principal, voltada para o oeste, constitui a face de maior representatividade simbólica do edifício. O acesso ao interior ocorre por escadaria em pedra, que conduz ao portal central executado em cantaria, com verga alteada, sobreverga e folhas de madeira almofadadas. Acima do vão de entrada, duas janelas retangulares correspondem ao nível do coro, e, sobre estas, um óculo circular marca o eixo de simetria e o ponto de transição para a torre. Essa fachada é arrematada por cornija e beira-seveira, encerrando-se em frontão triangular interrompido, coroado por pináculos piramidais de pedra-sabão sobre acrotérios. Como elemento de segurança e proteção estrutural, o terceiro pavimento é circundado por gradil metálico azul.

As fachadas laterais, voltadas para norte e sul, apresentam predominância horizontal, contrastando com a verticalidade da torre. Cada uma delas possui duas janelas que asseguram iluminação à nave e um óculo oval localizado na porção correspondente ao altar-mor. As fachadas dos anexos laterais se distinguem por seus cunhais em cantaria, beira-seveiras pintadas em tonalidade cerâmica e portais com verga alteada, sobreverga e folhas de madeira almofadadas. As aberturas recebem gradis metálicos

e molduras pintadas em azul celeste, cor que também aparece em diversos elementos decorativos e estruturais da edificação.

A fachada posterior, orientada para leste, é caracterizada por parede cega, reforçada por quatro pilares em concreto armado e tijolos cerâmicos. Tais elementos estruturam as vigas metálicas que sustentam a cobertura do anexo posterior. Parte dessa parede corresponde à antiga lateral de uma cozinha externa, demolida em intervenções posteriores.

O conjunto apresenta unidade visual garantida pela pintura em tinta PVA branca nas fachadas, com rodapé em massa cimentícia e acabamento em esmalte cinza. Os elementos de cantaria são destacados pela cor azul celeste, enquanto cornijas, beiraseiras e cimbalhas recebem acabamento em tom cerâmico. Essa paleta cromática ressalta as molduras e elementos arquitetônicos, reforçando o contraste entre os volumes horizontais e verticais.

## Interior

O interior do templo é composto por nave e capela-mor, ambas cobertas por forro em madeira aparelhada no sistema conhecido como “saia e camisa”. O forro é pintado em tinta esmalte azul celeste e conforma uma abóbada facetada, com moldura retangular central e luminárias em ferro. Essa solução confere leveza e dinamismo visual ao espaço, além de contribuir para a acústica do ambiente.

O arco-cruzeiro, elemento de transição entre nave e capela-mor, é confeccionado em madeira entalhada e apresenta pilastras com base retangular saliente, fustes reentrantes e capitéis em cimbalha escalonada. O arco pleno exhibe intradorso moldurado, fecho retangular e chave ornamentada por mísulas. À frente desse conjunto, o supedâneo de pedra-sabão com três degraus conduz ao altar-mor.

O retábulo principal, de tipologia barroco-rococó, é confeccionado em madeira talhada e apresenta rica policromia em tons de azul celeste, pérola, dourado e vermelho. Compreende mesa, banquetas, frontal, embasamento, colunas, nichos e coroamento, além de camarim retangular com trono escalonado em quatro níveis. O antigo forro do camarim, originalmente em abóbada de berço de madeira, foi substituído por estrutura reta em chapas de eucatex, preservando-se parte das tábuas originais, atualmente armazenadas em depósito.

O coro alto, reformado durante a década de 1930, é uma das porções mais modificadas da edificação. Possui estrutura em concreto armado, peitoril em tijolos maciços e ancoragem nas paredes laterais. O acesso é feito por escada em leque de concreto, revestida com ladrilhos hidráulicos, com guarda-corpo de alvenaria e corrimão metálico. Escadas semelhantes conduzem aos pavimentos da torre, sendo o segundo nível acessado por escada de madeira tipo bordo.

No nártex, à esquerda da entrada principal, situa-se a pia de água benta em granito lavrado, pintada em esmalte cinza. O púlpito original, em madeira entalhada e formato semicircular, localizava-se na lateral esquerda da nave (lado do Evangelho). Esse elemento foi retirado em 1997 devido a danos provocados por xilófagos, conforme registro no Inventário de Proteção do Patrimônio Cultural de Conselheiro Lafaiete (2014). O local original ainda é perceptível na alvenaria, e as peças se encontram guardadas em depósito.

As paredes da nave e da capela-mor abrigam quatorze quadros em gesso representando a Via Sacra, importados da França, segundo registro em ata da Irmandade de Santo Antônio de Queluz (1958). As alvenarias internas apresentam acabamento em tinta PVA branca e rodapé em esmalte cinza, nivelado à altura dos socos do arco-cruzeiro. O piso, em assoalho de madeira corrida, conserva uma sepultura com lápide epigrafada em homenagem ao Padre Américo Adolfo Taitson e ao Monsenhor Galdino Rodrigues Malta.

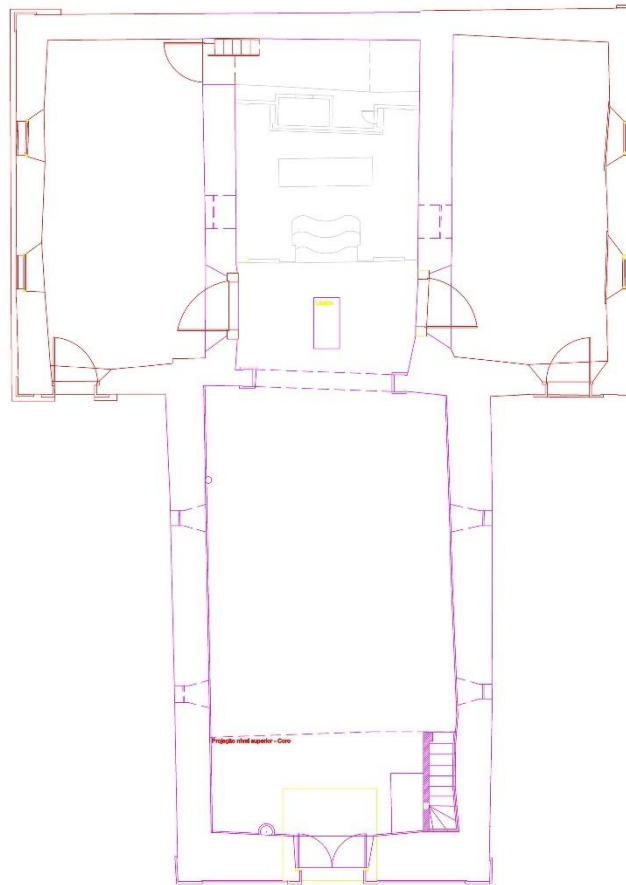
A capela-mor comunica-se diretamente com os anexos laterais. À esquerda, localiza-se a Sacristia, e, à direita, a Capela do Santíssimo Sacramento. Ambas possuem forro de madeira no sistema “saia e camisa”, com cimbalhas entalhadas e pintadas em azul celeste. O piso da Sacristia é revestido com ladrilhos hexagonais assentados em 1970, enquanto o da Capela do Santíssimo mantém tábuas corridas de madeira. O arcaz da Sacristia, confeccionado em madeira, é presumivelmente remanescente da reforma de 1864.

### Sistema Construtivo

A edificação foi erguida majoritariamente em alvenaria de pedra, técnica amplamente empregada nas construções religiosas do período colonial. As paredes são compostas por blocos de pedra ligados por argamassa de cal e areia, apoiados sobre alicerce corrido em pedra rústica. Entretanto, os levantamentos realizados evidenciam o uso de alvenaria de adobe na porção posterior, especialmente na capela-mor e na sacristia, conforme registrado no Relatório Fotográfico.

Ao longo do tempo, a Igreja recebeu diversas intervenções que introduziram novos materiais e modificaram parcialmente seu sistema construtivo. A presença de tijolos cerâmicos assentados sobre vigas de concreto é notável nas áreas reconstruídas da capela-mor e da sacristia, enquanto o coro e a torre sineira incorporam estruturas em concreto armado. Essas alterações ocorreram principalmente a partir da década de 1930, modificando o equilíbrio estético e estrutural do edifício.

A combinação entre técnicas tradicionais — como o uso de pedra e adobe — e materiais modernos — como o concreto armado — resulta em um conjunto híbrido, que expressa tanto a permanência de práticas construtivas coloniais quanto a adaptação a novos métodos de engenharia. Tais modificações foram executadas com o propósito de corrigir falhas estruturais e modernizar a edificação. Ainda assim, geraram alterações visuais e volumétricas significativas, particularmente no frontispício e na espacialidade interna, onde a presença de vigas inclinadas e elementos de sustentação em concreto interferem na leitura original do espaço.



**Figura 14-** Mapa de evolução arquitetônica do bem. Na cor rosa a nave central – construção original e na cor vermelha o acréscimo da primeira reforma de 1864 (Sacristia e Capela Santíssimo). Em amarelo a torre sineira- acréscimo da década de 1930. Acervo das autoras.

## Entorno e Implantação

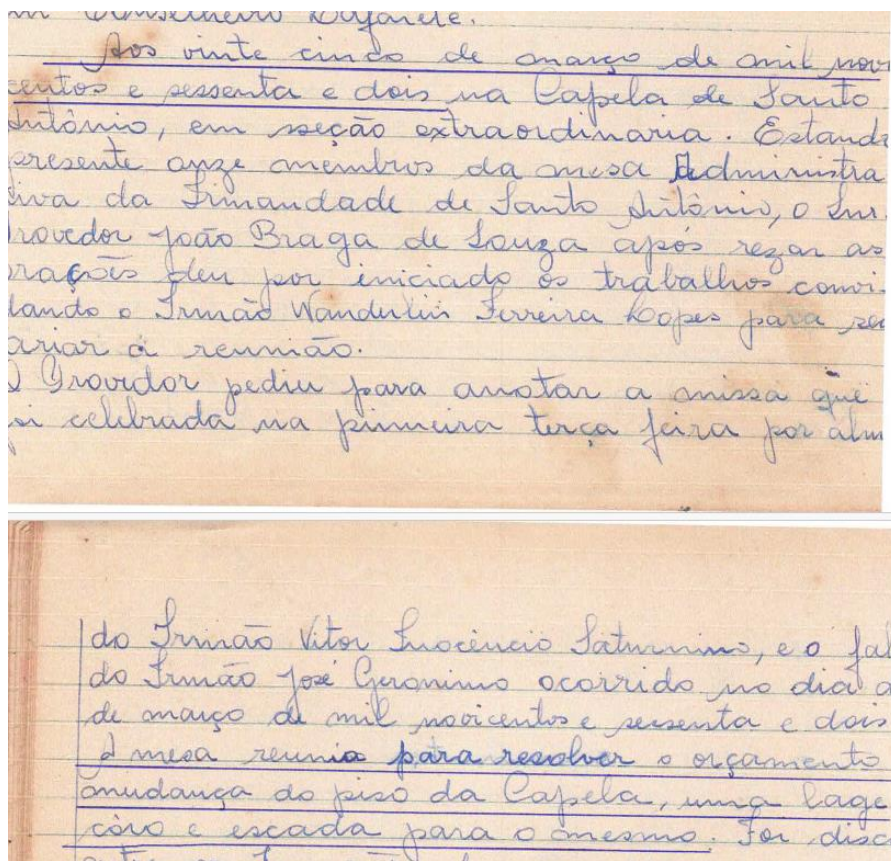
O terreno da Igreja apresenta declividade acentuada, o que influenciou na implantação do edifício e na configuração de seus espaços externos. No setor direito, encontra-se um jardim de aproximadamente 397 m<sup>2</sup>, delimitado por mureta em blocos de concreto e tela metálica. O local carece de paisagismo e possui vegetação degradada, o que contribui para a ocorrência de umidade ascendente nas alvenarias. O acesso é feito por portões localizados tanto na fachada principal quanto no pátio lateral.

À esquerda do templo, voltada para o norte, há uma área descoberta utilizada como pátio. O espaço é delimitado por muro de alvenaria com coroamento em tijolos vazados, construído entre as décadas de 1970 e 1980. O piso é em concreto, e o local é atualmente utilizado como estacionamento, constituindo fonte de renda para a Irmandade de Santo Antônio.

Na porção posterior do terreno situam-se o Centro Social e uma pequena edificação residencial. Ambos os volumes são posteriores à construção da Igreja e não fazem parte do conjunto original. Essas edificações ilustram o processo de ocupação gradual do entorno e a adaptação funcional do espaço para atender às necessidades comunitárias e administrativas da Irmandade.

### Histórico de modificações

Durante a pesquisa realizada para a elaboração deste dossiê, foram localizadas atas da Irmandade de Santo Antônio de Queluz que registram intervenções e modificações ocorridas na edificação ao longo do século XX. A seguir, são apresentadas algumas dessas alterações, as quais fundamentam as decisões arquitetônicas adotadas no processo de projeto de restauro.

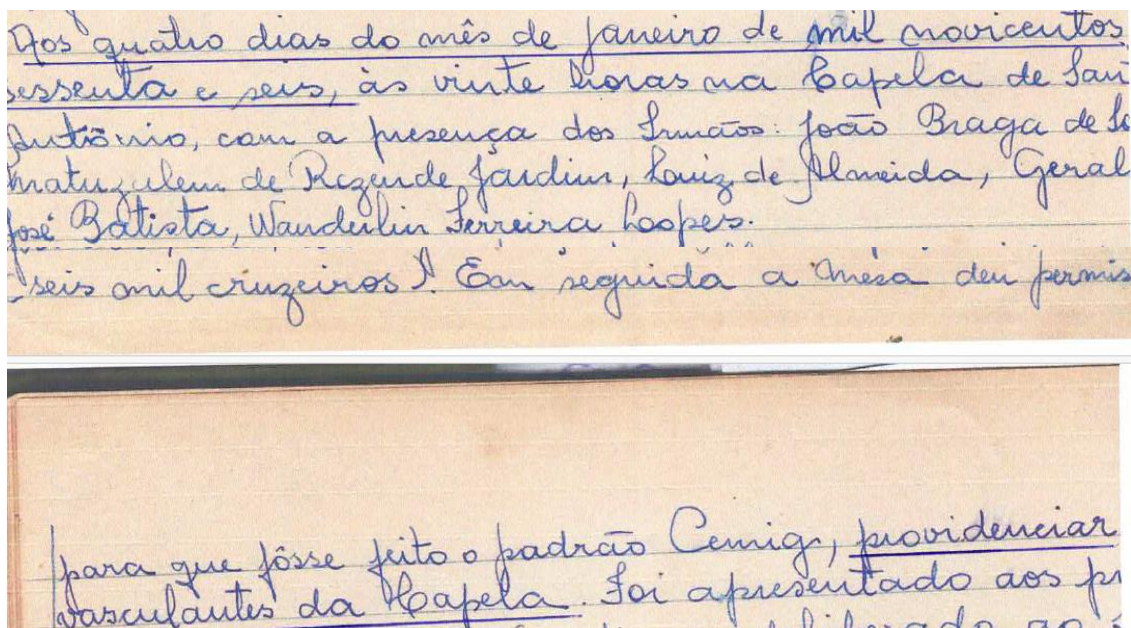


**Figura 15-** Registro da ata de 25/03/1962 de seção extraordinária da Irmandade de Santo Antônio de Queluz. Acervo da Irmandade.

A Figura 15 evidencia que, em reunião extraordinária realizada em 1962, a Irmandade deliberou pela substituição do piso da Capela, que, segundo relatos, era originalmente composto por pedra. Conforme registrado em ata, foi elaborado um orçamento para a instalação de ladrilhos, revestimento que permaneceu no local até meados dos anos 2000, quando foi substituído por um piso de madeira (tabuado), ainda existente atualmente.

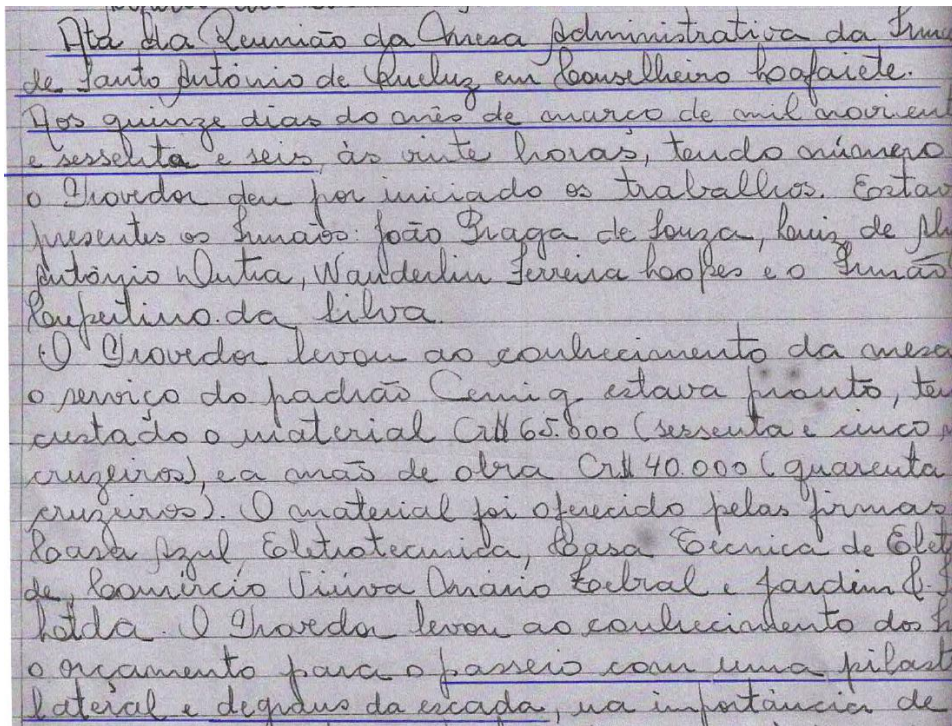
Na mesma ata, consta também a decisão de realizar orçamentos para a execução da laje e da escada de acesso ao coro. Considerando que a laje foi construída posteriormente a essa data e que há relatos de que o piso anterior era de madeira, conclui-se que o piso, a escada e o guarda-corpo do coro eram originalmente confeccionados nesse material. Depoimentos de antigos frequentadores da Capela reforçam essa informação, descrevendo o guarda-corpo como sendo composto por balaústres de madeira.

Esses registros e relatos foram fundamentais para embasar as decisões projetuais adotadas no processo de restauro da Igreja de Santo Antônio.



**Figura 16-** Registro da ata de 06/01/1966 de seção extraordinária da Irmandade de Santo Antônio de Queluz. Acervo da Irmandade.

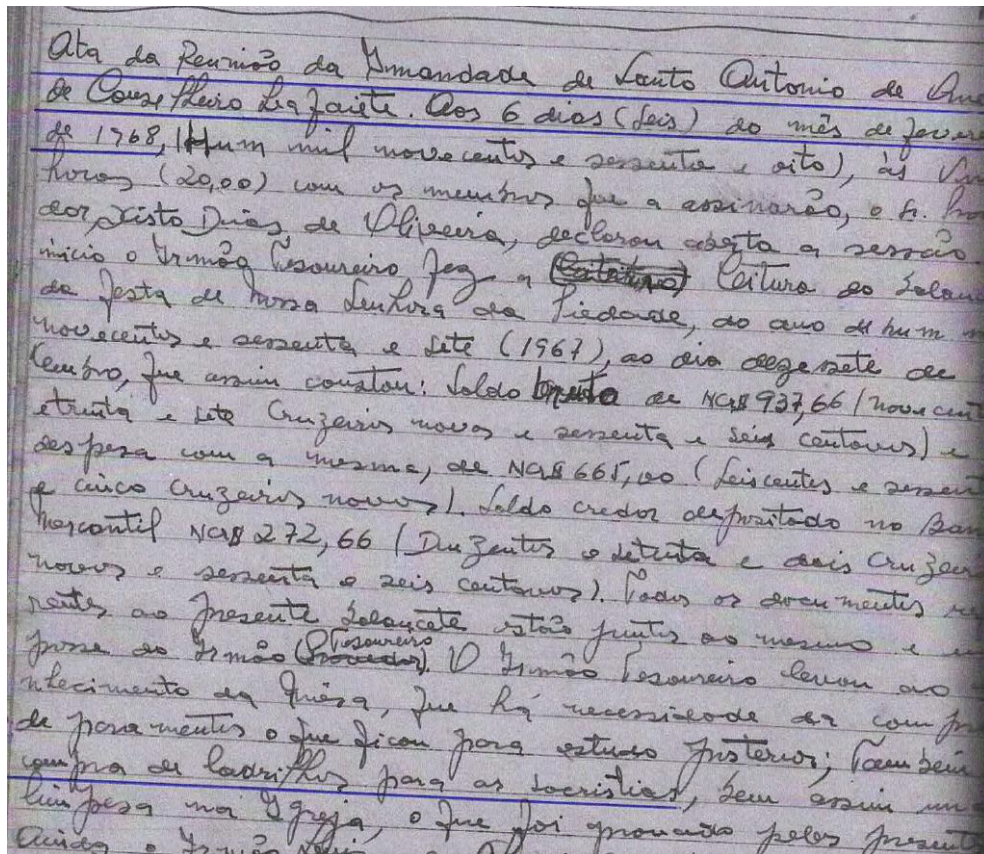
A Figura 16 apresenta o registro em ata referente à substituição dos basculantes da Capela. As esquadrias atualmente existentes, confeccionadas em ferro, correspondem a essa intervenção, realizada há menos de um século. Considerando tratar-se de um acréscimo recente, optou-se por sua substituição por esquadrias de madeira, de modo a restabelecer a coerência estética e material com as características originais da edificação.



Ata da Reunião da Mesa Administrativa da Irmandade de Santo Antônio de Queluz em Conselheiro Lafaiete.  
Nos quinze dias do mês de março de mil novecentos e sessenta e seis, às vinte horas, tendo número o Provedor deu por iniciado os trabalhos. Estão presentes os Irmãos: João Braga de Souza, Luiz de Jesus Antônio Dutra, Wauderlin Ferreira Lopes e o Irmão Ruy Ferreira da Silva.  
O Provedor levou ao conhecimento da mesa o serviço do padrão Cemiq estava pronto, tendo custado o material Cr\$ 65.000 (sessenta e cinco mil cruzeiros), e a mão de obra Cr\$ 40.000 (quarenta mil cruzeiros). O material foi oferecido pelas firmas Casa Azul Eletrotécnica, Casa Técnica de Eletro, Comércio União Américo Leal e Jardim S. J. Ltda. O Provedor levou ao conhecimento dos Irmãos o orçamento para o passeio com uma pilastrela lateral e degraus da escada, na importância de

Figura 17- Registro da ata de 15/03/1966 de seção extraordinária da Irmandade de Santo Antônio de Queluz. Acervo da Irmandade.

A ata datada de 15 de março de 1966 registra a elaboração de um orçamento para a construção de degraus de escada e de um passeio lateral na Igreja. A partir das fotografias levantadas, observa-se que, antes dessa intervenção, não havia calçada nem escadaria na entrada principal do templo. As imagens antigas indicam a existência de um pequeno “morro” ou rampa natural que conduzia até a porta central, o qual foi removido quando ocorreu a abertura da via para o tráfego de automóveis, ocasião em que o nível da rua provavelmente foi rebaixado.



**Figura 18-** Registro da ata de 06/02/1968 de seção extraordinária da Irmandade de Santo Antônio de Queluz. Acervo da Irmandade.

A Figura 18 apresenta a ata que registra a aquisição de ladrilhos para a Sacristia, idênticos aos utilizados na Capela do Santíssimo, datando de 1968. No entanto, o projeto de restauro propõe a substituição desse revestimento por piso de madeira, de modo a garantir maior harmonia ao conjunto arquitetônico. Além disso, considera-se que o ladrilho corresponde a uma intervenção da mesma época que o da nave principal, já removido em intervenções anteriores

## Avaliação Geral

A Igreja de Santo Antônio, em seu estado atual, representa a sobreposição de diferentes fases construtivas e intervenções de restauro, refletindo tanto as práticas construtivas coloniais quanto os acréscimos de caráter moderno. As alterações introduzidas ao longo do tempo — como a inserção da torre sineira central e o uso de estruturas de concreto no coro e nas fachadas — alteraram de modo significativo a aparência original e a leitura volumétrica da edificação.

Apesar dessas modificações, o conjunto mantém integridade suficiente para revelar a organização espacial e os sistemas construtivos tradicionais do período em que foi erguido. O edifício conserva o uso litúrgico e permanece como importante marco urbano e cultural, expressando a continuidade da devoção e da identidade local.

Em síntese, a Igreja apresenta uma configuração arquitetônica que traduz a coexistência entre tradição e adaptação. A combinação de materiais — pedra, adobe, madeira, concreto e cerâmica — e a justaposição de estilos construtivos distintos conferem ao templo caráter singular. Embora algumas intervenções tenham comprometido a integridade original, o conjunto ainda evidencia as fases históricas de sua evolução, constituindo documento físico e simbólico da história religiosa e arquitetônica de Conselheiro Lafaiete.

## Diagnóstico do Estado de Conservação

O edifício apresenta um quadro de danos estruturais e materiais resultante de diversos fatores associados ao tempo, às condições ambientais e a características construtivas originais. Entre as principais causas de deterioração identificadas estão o desgaste natural dos materiais, a ação das intempéries, as vibrações mecânicas provocadas pelo tráfego de veículos e falhas no sistema estrutural, especialmente na região da capela-mor e da sacristia. Essas deficiências comprometem a estabilidade e a integridade física da edificação, demandando atenção técnica especializada.

A presença de umidade é o principal agente de degradação observado, afetando tanto os revestimentos das alvenarias estruturais, principalmente nas bases, quanto os elementos de concreto, como a torre central. Além disso, foram constatados esforços estruturais indevidos, sobretudo horizontais, originados da cobertura da capela-mor, que não possui linha baixa ou tirante. Essa ausência provoca o empuxo horizontal nas alvenarias superiores, gerando deformações e trincas recorrentes. Tal patologia é considerada a mais crítica, uma vez que já ocasionou a reconstrução parcial de paredes, substituindo-se trechos de adobe original por tijolos cerâmicos.

Outro problema relevante decorre da ineficiência do sistema de drenagem pluvial. As sarjetas e passeios ao redor do templo não possuem caimento adequado para o escoamento da água, o que favorece a infiltração nas fundações. As trincas e fissuras no solo permitem o acúmulo e retenção da umidade, resultando em solos encharcados e sujeitos a recalques diferenciais. Essa situação compromete a estabilidade do terreno e intensifica o processo de deterioração das alvenarias.

De modo geral, o estado de conservação da Capela de Santo Antônio de Queluz é considerado precário, especialmente na parede divisória entre a capela-mor e a sacristia, onde há reincidência de danos estruturais anteriormente tratados sem sucesso. As trincas, muitas vezes disfarçadas por intervenções superficiais de pintura, mascaram a real gravidade das patologias, que continuam ativas e comprometem a estabilidade do conjunto.

A análise setorial do templo permite detalhar o estado de conservação dos principais elementos construtivos. O frontispício, em alvenaria estrutural de pedras, apresenta conservação apenas razoável, com fissuras decorrentes de recalques diferenciais, vibrações do tráfego, manchas de umidade e deterioração do revestimento na base. O cunhal lateral direito apresenta trincas e descolamentos de revestimento. A torre central, em concreto armado com estrutura metálica de sustentação, também apresenta conservação apenas razoável, com manchas de umidade provocadas pelas águas pluviais.

A nave, igualmente em alvenaria de pedra, evidencia fissuras, manchas de umidade e degradação do revestimento inferior, enquanto o coro e a escada, ambos em concreto armado, se encontram em bom estado, sem danos aparentes. O arco do cruzeiro, construído em alvenaria de pedra, apresenta manchas de umidade resultantes de infiltrações pelo telhado.

A sacristia, composta por alvenaria mista de pedra, adobe e tijolos cerâmicos, encontra-se em condição crítica. Foram observadas fissuras reincidentes, manchas de umidade, deterioração do revestimento inferior e deformações estruturais causadas por esforços indevidos da cobertura, agravadas por sobrecargas de vigas de concreto inseridas posteriormente.

A capela do Santíssimo, com alvenaria de pedra e adobe, apresenta estado de conservação apenas razoável, com trincas associadas à vibração mecânica e à umidade das chuvas, além de desgaste do revestimento nas bases.

A cobertura do templo é composta por telhas cerâmicas assentadas sobre estrutura de madeira, utilizando sistema de tesouras ou caibros armados na nave e na capela-mor, e caibros corridos na sacristia e na capela do Santíssimo. A torre sineira possui cobertura piramidal em concreto armado, finalizada por uma cruz. O diagnóstico desse conjunto é de conservação apenas razoável, com telhas quebradas ou deslocadas, engradamento comprometido pela ação da umidade e de cupins, e tirantes danificados. Destaca-se, ainda, a ausência de tirantes na capela-mor, condição que contribui significativamente para as deformações e trincas observadas nesse setor.

Diante desse panorama, conclui-se que o edifício apresenta um quadro estrutural sensível, cuja estabilidade e autenticidade material dependem de uma intervenção técnica criteriosa. A abordagem de restauração deverá priorizar o controle da umidade, o reforço estrutural da capela-mor e sacristia, e a requalificação do sistema de drenagem, assegurando a preservação e o prolongamento da vida útil do monumento.




Ver Pranchas de Diagnóstico no Projeto em anexo.


## Levantamento Fotográfico

	<p>Imagem da fachada frontal da Igreja – possível ver as paredes e cantarias com muita tinta descascada, reboco desprendendo e estado de conservação das esquadrias bem precário. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
	<p>Imagem da fachada frontal da Igreja – destaque para as cantarias de pedra que estão revestidas de tinta que estão se descolando das pedras. O local receberá tratamento adequado sendo retirada toda a pintura e a cantaria será restaurada. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
	<p>Imagem da fachada lateral evidenciando a presença de mofo e sujidades por causa da falta de drenagem da calçada. Nota-se ainda, a presença de rebocos de materiais diversos nas cantarias, o qual deverá ser removido. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

 <p>1 de ago. de 2025 14:21:30 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da porta de entrada da Sacristia. Nota-se a presença de uma rampa que não está dentro das normas adequadas para acessibilidade e por isso deverá ser refeita, assim como o corrimão deverá ser reinstalado. As cantarias dos portais das esquadrias deverão ter seu restauro específico assim como as soleiras de pedra das portas. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025 14:20:04 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da fachada lateral com evidência a calçada que está com sua estrutura abalada e as paredes na sua parte inferior que possuem muitas trincas, descolamentos de revestimento e reboco, causados pela umidade constante no local. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025 14:19:42 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do detalhe de descolamento de reboco de barro, com a alvenaria de pedra quase ficando evidente no local. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

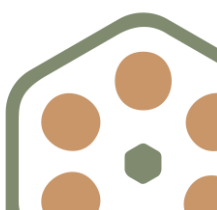
 <p>1 de ago. de 2025 14:19:42 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do detalhe de descolamento de reboco de barro, com a alvenaria de pedra quase ficando evidente no local. Nota-se também a presença de muitas trincas e estufamento do reboco adjacente. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025 14:21:46 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da fachada lateral com a presença de inúmeras trincas. Tem-se ali também a placa com o ano de 1864, ano da primeira reforma da Igreja. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025 14:30:25 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da lateral onde nota-se trincas e descolamento de reboco evidenciando a alvenaria de pedra. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

 <p>1 de ago. de 2025 14:19:12 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Detalhe de descolamento de reboco, muita sujeira e mofo devido a presença de muita água, principalmente em épocas de chuva. Será realizado no projeto de drenagem escoamento para as laterais da Igreja de forma que o problema seja sanado. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025, 14:18:31 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da fachada lateral da Igreja com Reboco muito danificado. Todo o reboco deverá ser refeito. Nas esquadrias as grades das janelas deverão ser removidas e as esquadrias de madeira restauradas. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025 14:24:36 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Detalhe da fachada frontal onde há um muro que será substituído por gradil, especificado em projeto. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

 <p>1 de ago. de 2025 14:21:25 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da fachada lateral da Igreja. Vista do gradil das esquadrias que serão removidos e dos revestimentos que serão removidos e refeitos de acordo com técnica específica. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025 14:19:23 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da calçada lateral da Igreja que deverá ser refeita, visto que sua estrutura já não está adequada para uso. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025 14:20:07 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Detalhe da grade das janelas laterais da Igreja que serão removidas. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

 <p>1 de ago. de 2025 14:20:14 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do portão que dá acesos ao jardim. O portão deverá ser trocado. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025 14:22:54 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da fachada frontal da Igreja – evidência para as cantarias que devem ser restauradas e a beira seveira do telhado que deve ser refeita neste ponto específico. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>24 de set. de 2025 10:02:00 51 Praça Santo Antônio Santo Antonio Conselheiro Lafaiete Minas Gerais</p>	<p>Imagem do telhado da Igreja que hoje se encontra parcialmente coberto por lona, devido ao risco de vazamentos constantes na Nave e na Capela mor. A lona foi colocada a cerca de um ano e o acesso ao telhado está mais difícil, por isso a previsão de ser todo refeito. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

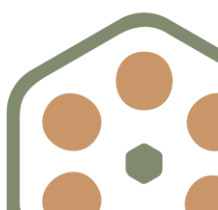
 <p>1 de ago. de 2025, 14:02:36 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do telhado da Igreja que hoje se encontra parcialmente coberto por lona, devido ao risco de vazamentos constantes na Nave e na Capela mor. A lona foi colocada a cerca de um ano e o acesso ao telhado está mais difícil, por isso a previsão de ser todo refeito. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>24 de set. de 2025 10:02:18 51 Praça Santo Antônio Santo Antonio Conselheiro Lafaiete Minas Gerais</p>	<p>Imagem do telhado da Igreja e a cobertura de lona que já se deslocou e hoje precisa ser refeita até que a obra de restauro completa do telhado seja realizada. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>24 de set. de 2025 10:03:15 51a Rua Hélio Bianchetti Quinta das Flores Conselheiro Lafaiete Minas Gerais</p>	<p>Destaque para a telha de ponta presente em todas as pontas do telhado da Igreja. Foto das autoras, agosto/2025.</p>






 <p>1 de ago. de 2025, 14:22:15 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da fachada frontal da Igreja – a torre sineira é de estrutura de concreto e foi construída em época posterior. O gradil da frente da Igreja também foi colocado posteriormente. No projeto de restauro prevê-se a retirada do gradil para destacar a fachada frontal do templo. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025, 14:02:28 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da torre Sineira. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025, 14:03:02 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do acesso a torre sineira. O acesso será modificado com uma escada metálica de melhor manuseio. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

 <p>1 de ago. de 2025, 14:03:13 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do sino. Os sinos serão objetos de restauração especificados no Caderno de Restauro dos bens Artísticos e Integrados. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025 13:51:04 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da porta de entrada principal da Igreja que assim como as outras esquadrias deverão passar pelos processos de restauro das esquadrias descrito no Caderno 2. A soleira de pedra deverá ser tratada também seguindo o Caderno de Encargos. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025, 13:41:26 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Detalhe do reboco em estado ruim de conservação acima da porta da Capela do santíssimo. O reboco interno também será todo restaurado, seguindo as técnicas descritas no Caderno 2. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

 <p>1 de ago. de 2025, 13:41:20 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem parede da Capela do Santíssimo que é da fachada lateral e tem contato direto com o local onde não há escoamento correto da água e por isso seu reboco se encontra todo danificado. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025, 13:42:06 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do piso tabuado da Capela do Santíssimo que está danificado e precisa ser restaurado. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>16 de set. de 2025 13:50:07 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do piso tabuado da Nave que está desprendendo, o que o torna até perigoso para os usuários, visto que crianças e idosos principalmente podem vir a se machucar com a tábuas. Foto das autoras, setembro/2025.</p>






 <p>16 de set. de 2025 13:49:34 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Piso da Nave de tabuado que segundo histórico foi feito em 2008 e já se encontra apodrecido, sem manutenção e até perigoso para o uso cotidiano da Capela. Foto das autoras, setembro/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025, 14:11:41 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem interna da parede de reforço de tijolo maciço que foi construída como reforço para a parede abaixo de adobe. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025, 13:58:00 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da madre e do esteio em madeira do coro, que precisará ser trocado pois a sua estrutura se encontra muito danificada. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

	 <p>1 de ago. de 2025, 13:56:37 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do forro de madeira que em partes se encontra desprendido. Deverá ser retirado e enumerado e depois de restaurado ser recolocado, de acordo com o Caderno de Restauro dos Bens Artísticos e Integrados. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
	 <p>1 de ago. de 2025, 13:57:04 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do forro com destaque para a cimalha que deve ser retirada junto com forro e em partes se encontra bem danificada. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
	 <p>1 de ago. de 2025 13:56:20 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do piso de taco do coro. Este deverá ser retirado e o tabuado de madeira de lei será instalado no local. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

	 <p>1 de ago. de 2025 13:56:00 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Detalhe de estrutura de tirantes de madeira de reforço do telhado. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
	 <p>1 de ago. de 2025 13:56:43 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da escada que dá acesso a torre sineira. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
	 <p>1 de ago. de 2025, 14:09:19 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da escada que dá acesso ao camarim. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

	 <p>1 de ago. de 2025 13:56:33 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da escada que dá acesso a torre sineira – escada de concreto. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
	 <p>1 de ago. de 2025 13:51:50 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem da escada que dá acesso ao coro. Escada de concreto. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
	 <p>1 de ago. de 2025 13:51:04 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Detalhe da esquadria de entrada principal da Igreja que encontra com a presença de muito xilófagos. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

 <p>1 de ago. de 2025, 13:42:37 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem geral de toda a Igreja, vista do Altar mor. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025, 13:42:06 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do piso danificado da Capela do Santíssimo. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025, 14:15:59 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do piso da Sacristia que será trocado por tabuado de madeira. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

 <p>1 de ago. de 2025, 14:11:09 Conselheiro Lafaiete</p>		<p>Imagem do altar-mor. O retábulo do altar é objeto de restauro do Projeto de Restauro dos bens Artísticos e Integrados. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025, 14:11:25 Conselheiro Lafaiete</p>		<p>Imagem panorâmica da Igreja tirada do Altar mor. O coro que hoje se encontra feito de alvenaria comum será demolido e será construído um guarda corpo em balaústre de madeira, segundo especificado no Caderno 2 e justificado por este Caderno. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025 13:57:18 Conselheiro Lafaiete</p>		<p>Imagem panorâmica da Igreja. Foto tirada do coro. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

 <p>1 de ago. de 2025 13:57:07 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Imagem do teto da Igreja. A estrutura do telhado da Igreja é diferenciada pois é feito de caibros estruturantes e seu forro está ligado diretamente ao telhado. Por este motivo para acesso ao telhado será necessário a remoção do forro e sua cimalha. Foto das autoras, agosto/2025.</p>
 <p>1 de ago. de 2025 14:03:28 Conselheiro Lafaiete</p>	<p>Detalhe da cimalha do forro que deverá ser restaurada segundo Projeto de Restauro de Elementos Artísticos e Integrados. Foto das autoras, agosto/2025.</p>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Rio de Janeiro, 6 dez. 1937.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Manual de intervenções em sítios urbanos tombados. Brasília: IPHAN, 2015.

BRASIL. Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental. Manual de drenagem urbana sustentável. Brasília: MCidades, 2011.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CHAVES, Cláudia Damasceno Fonseca. A malha e a mancha: evolução urbana em Minas Gerais. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

CIVALE, Leonardo. Entre Próspero e Caliban: a paisagem cultural entre as políticas públicas de patrimônio e os interesses do capital. 2021.

COSTA, Antônio Gilberto. A formação das vilas de Minas: religião e espaço urbano. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

COSTA, Maria da Conceição. Estrada de Ferro Central do Brasil: modernidade e expansão urbana em Minas Gerais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FERNANDES, André Luiz. História das técnicas de pavimentação no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

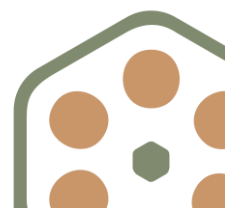
FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1997.

FONSECA, Ana Paula Arruda. ERRADICAÇÃO DO PATRIMÔNIO NAS CIDADES “NÃO-HISTÓRICAS” A CIDADE DE CONSELHEIRO LAFAIETE - MG. Dissertação de Mestrado- UFV. Viçosa, 2023.

GODOY, Marcelo Magalhães. Bandeirantes e sertanistas nas Minas do Ouro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados: Conselheiro Lafaiete. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022: Minas Gerais. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Cidades e Estados: Itaverava. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itaverava>. Acesso em: 9 set. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Cartas Patrimoniais. Brasília: IPHAN, 2004.

LEAL, Claudia. Patrimônio cultural e desenvolvimento urbano. São Paulo: Annablume, 2016.

MAIA, João Henrique. Queluz de Minas e sua transformação em Conselheiro Lafaiete. Belo Horizonte: C/Arte, 2021.

PERDIGÃO, Antônio Luiz. Calendário histórico da cidade de Conselheiro Lafaiete – Bicentenário (1790-1990). Biblioteca Antônio Perdigão – Museu e Arquivo da Cidade, 1990.

PEREIRA, Ana Clara Souza. Conselheiro Lafaiete, MG: cidade média em consolidação – um estudo sobre o espaço intraurbano no período 1970-2018. Viçosa, 2019.

PEREIRA, Ana Clara Souza; STEPHAN, Ítalo Itamar Caixeiro; ARRUDA, Ana Paula. Os desafios da preservação dos bens arquitetônicos: um estudo do município de Conselheiro Lafaiete, MG. 10º Mestres e Conselheiros, ago. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, literatura e cidades: diferentes narrativas para o campo do patrimônio. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 34, 2012.

PINTO, José Damasceno. História de Conselheiro Lafaiete. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1984.

SILVA, Francisco de Assis. Lafayette Rodrigues Pereira: trajetória política e jurídica. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

TOURINHO, André; RODRIGUES, Mariana. Patrimônio e urbanização: debates contemporâneos. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

Material de Consulta: Cadernos dos Projetos de Restauro da Capela de Santo Antônio desenvolvidos no ano de 2016 pela arquiteta Rafaela Vieira Serafim- Fornecidos pela contratante Irmandade de Santo Antônio de Queluz.

---

Ana Paula Arruda Fonseca – Arquiteta e Urbanista  
CAU- 182255-1

---

Amanda Guimarães Alvarenga – Arquiteta e Urbanista  
CAU- A117384-7